

**C O N H E C I M E N T O
E N A T U R E Z A**

emanuel

1

dimas

9

de

melo

9

pimenta

5

também conferência em
Symmetry: Natural and Artificial
Third Interdisciplinary Symmetry
Congress and Exhibition of the
International Society for the Interdisciplinary Study of Symmetry
Washington DC, United States, 1995
Conhecimento e Natureza
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: CONHECIMENTO E NATUREZA
autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
ano: 1995

Arquitectura, estética
editor: ASA Art and Technology UK Limited
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta
© ASA Art and Technology

www.asa-art.com
www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Sir Herbert Read costumava afirmar que a história das palavras pode ser uma boa chave para a compreensão da história das ideias.

Essa afirmação ficou especialmente clara quando tratou das relações entre arte e biologia, traçando – num certo sentido – relações entre simetria e Natureza.

Nesse trabalho, já clássico, ele realiza um dos mais belos momentos da sua obra quando relata a profunda impressão que um menino teria exercido sobre Leon Tolstói ao revelar subterrâneas ligações entre *arte* e *crime*.

Naquele contexto, *crime* significava um processo de transformação, desencadeado por um incontrolável acto. *Arte* significava uma espécie de *artifício* cultural.

Curiosamente as palavras *natureza* e *conhecimento* lançam a mesma raiz etimológica no Indo Europeu **gne* ou **gno* que passou ao Inglês quase directamente como *to know*.

Outras palavras geradas por aquela antiga raiz **gne* foram *gênese* e *nascimento*.

Plínio ainda escreve a sua *História Natural* como sendo uma história da arte, ou do conhecimento.

A divisão simétrica entre conhecimento e Natureza parece acompanhar o processo de intensificação do uso da visão. Assim, revelando uma nova *realidade* de *figura e fundo*, o conhecimento parece se revelar enquanto instrumento para decodificar a Natureza, e não uma parte da própria Natureza.

Essa lógica vai surgindo pontualmente, deixando mostrar também aqui uma nítida relação com o modelo do *punctuated equilibria* formulado por Niles Eldredge e Stephen Jay Gould: Heráclito, Aristóteles, Plínio, São Tomás de Aquino, Bacon, Newton, Darwin, Freud.

Em alguns casos, com personagens aparentemente contraditórios.

Heráclito defendia que a Natureza amava se esconder – uma afirmação que evidencia uma observação, em certo sentido, ainda pouco departamentalizada.

Sócrates atingiria, certamente, um dos momentos mais sensíveis do pensamento Ocidental ao questionar a natureza do próprio conhecimento, pois revelar-se-ia enquanto questionamento da natureza da própria natureza.

Mas a Grécia Antiga não diferenciava arte e técnica. Possuía apenas uma palavra para as designar: *technoi* que fundia em um único termo o sentido de *habilidade técnica* e de *arte* como excelência que excede a técnica.

Por essa via, Aristóteles fazia uma afirmação que poderia ser livremente traduzida como «o conhecimento é imitação da Natureza», cristalizando uma possível relação simétrica e especular entre ambos.

São Tomás de Aquino resgatava o pensamento de Aristóteles, conduzindo os *technoi* à *ars* e habilmente incorporando um *modus operandi* à sua afirmação. Uma contribuição que especializa a réplica especular sugerida pelo pensamento clássico.

Com a introdução da electricidade no século XX tem início uma profunda reversão sensorial e um novo modelo *trans-simétrico* toma lugar. É o que se estrutura enquanto *realidade virtual*, uma expressão *transconstrutiva*.

Essa nova tecnologia multi-sensorial leva ao aparecimento de desconcertantes afirmações para a Humanidade da primeira metade do século, mas que, certamente, não o seriam para a Antiguidade Clássica.

Por essa via, Werner Heisenberg afirmava – resgatando Emanuel Kant – que uma nova *forma* de ver o mundo revelaria novas leis da natureza, indiciando uma nova natureza processual. A relação especular adquire, então, dinâmica e turbulência.

Essa nova relação é objecto de uma interessante metamorfose quando há a mutação de escala planetária através da cultura de comunicação de massa através de satélites e computadores pessoais.

Não mais se trata do animismo clássico ou do sentido tardio do *virtus* utilizado até o século XVIII como fundamento de boa parte do pensamento científico do Ocidente. Um pensamento para o qual, por exemplo, a Lua teria uma *virtude* húmida, enquanto o Sol uma *virtude* ígnea.

Virtual significa, hoje, a estruturação de poderosas redes de comunicação e informação que literalmente *formatam* relações humanas.

Essa nova *realidade virtual* instaura um modelo que poderíamos chamar *trans-simétrico*: uma combinação dinâmica de momentos simétricos, assimétricos e dissimétricos, simultaneamente.

Nos anos 1980 o Brasil manteve uma média anual de destruição florestal de cerca de trinta e seis mil quilómetros quadrados. Surpreendentemente, a Índia foi o segundo país do planeta em desflorestamentos: uma média de quinze mil quilómetros quadrados de destruição por ano. Isto significa que, apenas naqueles países, a cada dez anos, destruimos uma floresta do tamanho de um país como a Espanha!

A Europa publica, por ano, quatro vezes mais livros que a antiga União Soviética e quase seis vezes mais que os Estados Unidos.

Lenine, Agatha Christie e Walt Disney são os três autores literários mais traduzidos no mundo!

Os Estados Unidos possuem praticamente um aparelho de televisão para cada pessoa, dois aparelhos de rádio por habitante e cada duas pessoas possuem um aparelho telefónico.

No Paquistão há um aparelho de televisão para cada sessenta pessoas, um aparelho de rádio para cada treze pessoas e um telefone para cada cento e trinta pessoas!

Surpreendentemente, algumas pessoas parecem não perceber o que esses dados catastróficos – divulgados diariamente em jornais e televisões de todo o mundo – têm a ver com a formação de um modelo planetário que *redesenha* a relação entre conhecimento e Natureza.

René Berger, em *Science and Art: the New Golem*, questiona: «Se as ciências cognitivas têm um futuro, se elas representam de facto um cruzamento multidisciplinar levando a uma reestruturação de caminhos do conhecimento, ainda que com certas reservas, é necessário não apenas que a dimensão metafísica seja tomada em consideração mas que ela se torne, como uma ultradisciplinaridade, a força motriz e a finalidade do futuro».

Para António Damasio, «o delicado mecanismo de raciocínio é afectado pela emoção», alertando assim, para a nova importância da emoção enquanto parte do próprio raciocínio – uma separação, antitética e simétrica, historicamente coincidente com a referência especular entre conhecimento e Natureza.

John Cage observou essa mutação na música. Para ele tudo era parte dinâmica da própria Natureza.

John Cage e Merce Cunningham *quebraram* a relação especular de simetria imposta para música e dança durante milhares de anos, realizando na dança uma transformação certamente tão importante quanto o foi a identificação da poesia como algo independente do canto, na Grécia Antiga.

Para John Wheeler, «amanhã teremos aprendido e expressado toda a física na linguagem da informação».

Lewis Thomas dizia que sempre tivemos um bom palpite acerca de nossa origem: «do mais antigo idioma conhecido, a língua Indo Europeia, tiramos a palavra *terra* – **dhghem* – e a transformamos em *húmus* e *humano*; mas também em *humilde*».

Conhecimento e Natureza virtuais.

